

## CURIOSIDADES DA POESIA LUSO-BRASILEIRA

*Deusdedit Araújo*

Vamos falar de poetas e de poesia. Vamos começar pelo livro máximo da língua — Os Lusíadas e por seu poeta máximo — Luiz de Camões.

Para grande parte da juventude de hoje Camões é um chato (adjetivo muito do gosto do Pe. Antônio Vieira). Para os entendidos, é um poeta universal, um dos maiores épicos de todos os tempos, o maior lírico do século XVI, o maior clássico da língua.

Glorificado depois de morto, teve uma vida inglória e infelice (como se dizia no seu tempo). Infeliz na vida, infeliz nos amores. Esteve preso, emigrou para as Áfricas, onde, de tão pobre “vivia de amigos”. Lá perdeu o olho direito. Perdeu também um precioso livro de poesias — “Parnaso de Luiz de Camões”. E quase perde “Os Lusíadas”, que ele salvou, ao naufragar no rio Mecom.

Finalmente voltou à sua “ditosa pátria minha amada”. E ali, apesar da tença anual de 15 mil réis, viveu e morreu miseravelmente, nem se sabe como nem onde. Seus supostos restos jazem nos Jerônimos, ao lado de Vasco da Gama e próximo a Herculano.

### **LUIZ VAZ DE CAMÕES**

Há muitas dúvidas e obscuridades sobre o grande épico. Sobre suas origens, o lugar em que nasceu, o dia do nascimento (porque o da morte se sabe — 10/06/1590), os amores, as duas ou três Catarina, a infanta D. Maria . . . Mas a que ele decantou mesmo foi Natércia. Natércia — anagrama de Catarina. Ou melhor, de Caterina.

Seu último grande desgosto foi encontrar Portugal invadido, derrotado em Alcacer Kibir, dizimado pela peste e imerso naquela “austera, apagada e vil tristeza”.

### **AS FONTES DE CAMÕES**

Como é que há quase 5 séculos, numa época em que a língua ainda não dispunha de livros, Camões conseguiu armazenar tanta erudição?

É preciso notar que a primeira edição de Os Lusíadas é de 1572 e que o primeiro dicionário da língua portuguesa é de 1570, e que só 4 anos depois do lançamento do Poema, apareceu a primeira gramática portuguesa, de Fernão de Oliveira.

Sabe-se, porém, que as fontes de Camões foram a biblioteca do tio, D. Bento, os clássicos gregos e latinos, os historiadores e poetas peninsulares, sobretudo João de Barros e Sá de Miranda.

Foram ainda os Cancioneiros e também a poesia provençal, a poesia travadoresca, de tanta influência e importância na literatura pós-medieval e na evolução das línguas românticas ou novilatinas.

Pois foi a partir daquela ocasião que a língua portuguesa se libertou do latim vulgar, para se tornar depois a "última flor do Lácio inculta e bela". E, a propósito daquela algaravia de línguas e dialetos oriundos do latim arcaico, do latim bárbaro e do latim popular, eu me lembro de Gustavo Barroso, quando ao falar da fundação da monarquia portuguesa, no ano de 1139, com D. Afonso Henrique, disse que a nação portuguesa nasceu ali, no Castelo de Guimarães, em cima de um penedo, "naquela pedra rude pesada e tosca, como era rude, pesada e tosca a língua que falava aquela gente, como era rude, pesada e tosca a gente que falava aquela língua".

Certo é que coube a Camões lançar os fundamentos do português moderno, sendo que Os Lusíadas constituem o divisor de águas entre a literatura renascentista e a dos nossos dias.

### AS SINGULARIDADES EM CAMÕES

O poema, como seu autor, tem muitas singularidades. Além de Os Lusíadas, Camões compôs 211 sonetos, 15 canções, 3 sextilhas, 13 odes, 11 elegias, 5 oitavas, 9 élogos, 142 redondilhas, 3 autos e 4 cartas.

Mas sua obra prima, pela elevação dos sentimentos espirituais, é a meditação lírica "Sôbolos rios", sobre a qual há um excelente trabalho do filólogo Sousa da Silveira.

Os Lusíadas contém 10 cantos, 8.816 decassílabos, 1.102 estâncias de 8 versos, ou seja, em outra rima.

O livro foi estudado linha por linha, palavra por palavra, sabendo-se assim, quantas vezes uma determinada palavra foi empregada.

Dizem os filólogos que o verbo ser é o mais simples e o mais indispensável de todos os verbos. Em Os Lusíadas ele foi o verbo mais utilizado.

O substantivo mais usado — gente (280 vezes).

No tempo de Camões quase não havia pontuação. No Cancioneiro Geral e no Palmeirim quase não há sinais gráficos.

Nos Lusíadas o ponto de exclamação aparece apenas uma vez, o que também acontece com o hífen.

O nome do Brasil e da Terra de Santa Cruz aparecem uma única vez, ambos no último canto.

No canto IX, um fato curioso — a reprodução integral de um verso de Petrarca.

Em 8 vezes, Camões iniciou o verso com letra minúscula e por 3 vezes repetiu o mesmo verso.

Camões gostava do possessivo depois do substantivo. Mas quando ele diz pátria minha, alma minha, Tágides minhas, o adjetivo possessivo torna-se também qualificativo, por ter um sentido afetivo e sentimental.

E acredite quem quiser — a palavra saudade aparece apenas uma vez, no canto III. Já em outras composições Camões empregou-a muito, ora com 3 com 4 sílabas, isto é, com ou sem trema.

Saudoso foi bastante empregado. Mas o poeta, que quase morreu de nostalgia, não empregou uma só vez essa palavra. Nostalgia é saudade da pátria. E por isso Carolina Michaelis empregou a expressão — Saudades nostálgicas.

Camões era um homem triste, mas gostava do adjetivo ledo, que aparece 39 vezes, no Poema.

O mais lírico dos episódios de Os Lusíadas é o da Ilha dos Amores. Para alguns, o Velho do Restelo seria ele próprio, Camões.

E Inês de Castro, a que depois de morta foi rainha? E o Gigante Adamastor? Para alguns Adamastor é um anagrama de Cabo das Tormentas.

Mas deixemos Camões, com seus sofrimentos e vamos amenizar o assunto, com o poeta português Augusto Gil, que vai nos contar "O Passeio de S. Antônio", com a graça e a simplicidade das coisas portuguesas.

### O PASSEIO DE S. ANTÔNIO

Sáira S. Antônio do convento  
A dar o seu passeio costumado  
E a decorar num tom rezado e lento  
Um cândido sermão sobre o pecado.

E andando e andando sempre repetia  
O divino sermão, piedoso e brando  
E nem notou que a tarde esmorecia,  
Que vinha a noite plácida baixando.

E andando e andando, viu-se num outeiro,  
Entre árvores e casas espalhadas  
E que estava distante do mosteiro,  
Uma légua das fartas, das puxadas.

Surpreendido, por se ver tão longe  
E fraco, por haver andado tanto,  
Sentou-se, a descansar o bom do monge  
Com a resignação de quem é santo.

O luar, um luar claríssimo nasceu  
Num raio dessa linda claridade,  
O Menino Jesus baixou do céu  
E foi brincar com o capuz do frade.

Perto uma gruta d'água murmurante  
Juntava o seu murmúrio ao dos pinhais,  
Os rouxinóis ouviam-se, distante,  
O luar, mais alto iluminava mais.

De braços dados para a frente vinha  
Um par de noivos todo satisfeito,  
Ela trazendo ao ombro a cantarinha,  
Ele trazendo o coração no peito.

Sem suspeitarem de que alguém os visse  
Trocaram beijos ao luar tranquilo;  
O menino, porém, ouviu e disse:  
Ó Frei Antônio, o que foi aquilo?

O santo erguendo a manga do burel  
para tapar o noivo e a namorada,  
Mentiu uma voz doce como o mel;  
Não sei que fosse, eu cá, não ouvi nada.

Uma risada límpida, canora  
Vibrou, com timbres d'oiro, no caminho.  
Ouviste, Frei Antônio, ouviste agora?  
— Ouvi, senhor, ouvi, é um passarinho!

— Tu não estás com a cabeça boa!  
Um passarinho a cantar assim!  
E o pobre S. Antônio de Lisboa,  
Sentiu-se embaraçado, mas por fim.

Corado como as vestes dos cardiais,  
Achou esta saída redentora:  
Se o Menino Jesus perguntar mais  
Queixo-me a sua mãe Nossa Senhora.

E virando-lhe a carinha contra a luz  
E contra aquele amor sem casamento,  
Tomou-lhe ao colo e acrescentou: Jesus,  
São horas! E abalaram pro convento.

Mas, senhores, deixemos o casal de namorados às voltas com Santo Antônio. Eles estão bem entregues ao santo casamenteiro.

Deixemos por enquanto Portugal e vamos falar do Brasil, do Ceará, de José de Alencar, isto é, vamos ficar com as minas de prata da casa.

Diz-se que a poesia no Brasil teve por berço as areias de Iperóig, com os poemas de Anchieta. Mas Anchieta era espanhol, era bilingüe e sua poesia era essencialmente mística, ascética, contemplativa. O que não nos impede de reconhecer a importância da poesia religiosa na gênese da literatura, tanto no Brasil como em Portugal. Foi lá, nas bibliotecas dos mosteiros portugueses que os pesquisadores encontraram os documentos precamonianos e outros cimélios, como os Códices de Alcobaça e da Ajuda, que tanto contribuíram para os estudos da literatura portuguesa.

Assim como foi nos conventos de Olinda que Alencar encontrou os elementos históricos contidos em sua obra.

(Se não fossem os alfarrábios não haveria gramática histórica, nem glotologia, nem filologia).

Estou com os que afirmam que a verdadeira literatura brasileira foi iniciada por nosso patrício José de Alencar. Iracema seria, portanto, o primeiro livro genuinamente nacional.

Iracema tem várias singularidades.

Por exemplo — é um anagrama de América. Iracema é romance, é lenda, é novela ou é um poema em prosa?

Há várias edições, inclusive em latim.

A 3a. edição impressa no Havre.

Para o crítico cearense Braga Montenegro os dois maiores livros do Ceará são: Terra de Sol e Iracema.

Alencar sofreu críticas. Foi acusado de plágio, foi atacado por escrever errado.

Mas a História, ou melhor, os filólogos destruíram essas balelas. E Alencar é hoje citado até nas gramáticas, como exemplo de português correto. Tal como se deu com Casemiro de Abreu (Casemiro José Marques de Abreu) magistralmente reabilitado pelo filólogo Sousa da Silveira.

É oportuno lembrar que antes de ser consagrado pelos eruditos, Alencar já o fora pelo povo: Por que? — Porque, como poeta, soube falar ao sentimento de sua gente.

E o que eu admiro em José de Alencar não é apenas o estilo, a ori-

ginalidade dos temas e a simplicidade da linguagem, mas a música, a sonoridade da frase. Pois, como disse Carlyle, "Poltry is musical thought".

O que eu admiro em José de Alencar é o ter sido ele o primeiro, entre nós, a introduzir poesia na prosa literária. Porque, se ao fazer versos ele foi um poeta medíocre, que admirável poeta quando escrevia em prosa!

Gonçalves Dias foi seu contemporâneo: foi também indianista. Foi brasileiro na temática, mas não o foi na linguagem, pois que ainda tinha o sabor coimbrão, ao contrário de Alencar, que se libertou dos figurinos lusitanos, para adotar uma roupagem literária diferente dos modelos europeus, numa linguagem nova, que além de brasileira, tinha o sortilégio dos termos indígenas.

O que eu admiro em Alencar é o seu poder de comunicação, isto é, o poder de traduzir e de mobilizar o sentimento de seu povo, a ponto de despertar no Brasil o gosto pela literatura.

Qual é o brasileiro que não sabe de cor ou não leu o "Além muito além daquela serra?"

Quem ignora no Brasil quem foi a virgem dos lábios de mel? Aliás, uma das traduções inglesas de Iracema intitula-se "A Legend of Ceará". E uma outra — "The honey lips" — Os lábios de mel.

Alguém disse muito bem quando se fala em olhos de ressaca, nem todos sabem que eram os de Capitu. Mas quando se fala em lábios de mel . . .

Outro poeta que penetrou profundamente o sentimento de sua gente foi Antônio de Castro Alves. E a nosso ver, devemos muito a Alencar e a Castro Alves as bases sentimentais de nossa vida anímica. Fato que tem uma extraordinária influência, na coesão e na unificação do sentimento nacional.

E é por tudo isso que todo povo civilizado quer bem aos seus poetas, assim como nós queremos a José de Alencar e a Castro Alves.

Mário de Andrade disse com razão que nós admiramos Gonçalves Dias, mas queremos bem mesmo é a Casemiro de Abreu.

Admira-se um Euclides da Cunha, mas quer-se bem mesmo é a José de Alencar. Admira-se um Alberto de Oliveira, mas querer bem é a Castro Alves.

Um dia eu disse ao meu querido Manuel Bandeira: Poeta, dizem por aí que no momento, os três grandes da Poesia são você, Drumond e Vinícius. Mas a meu ver, Manuel, o que está mais próximo do povo é o Vinícius. E ele, autêntico e categórico, como sempre — é sim!

Em seguida foi à estante e me chamou a atenção para um soneto de Vinícius, dizendo-me: veja que soneto bem feito.

Trata-se de um poema em que Vinícius justifica como sempre o seu amor, dessa vez por uma jovem rosa.

Eu costumo dizer que Einstein subverteu a Física com sua teoria do espaço-tempo, enquanto o nosso Vinícius, na Poesia, subverteu a noção de tempo e eternidade, quando disse que o amor deve ser eterno enquanto dure . . .

Vinícius é um polígamo congênito. Mas o soneto se chama . . .

### Soneto da Fidelidade

Como uma jovem rosa, a minha amada,  
Linda, morena, esgalga, penumbrosa,  
Parece a flor colhida, ainda orvalhada,  
No instante justo de tornar-se rosa.

Ah! por que não a deixas intocada,  
Poeta, tu que és pai, na misteriosa,  
Fragrância de seu ser, feito de cada  
Coisa tão frágil que perfaz a rosa?

Mas diz-me a Voz — por que deixá-la em haste,  
Agora que ela é rosa comovida  
De ser na tua vida o que buscaste

Tão dolorosamente pela vida?  
Ela é rosa, poeta, assim se chama,  
Respira o seu perfume, ela te ama!

Mas senhores, estamos falando de Soneto na terra do Pe. Antônio Tomaz, de Antônio Salles, de Cruz Filho, de José Albano.

Vamos pedir licença ao Pe. Mestre para dizer alguma coisa sobre seu gênero preferido.

O soneto tem 7 séculos. Qual a sua origem?

— Para uns ele proveio da literatura árabe, para outros, da Provença, para outros, da Itália. Na literatura medieval dizia-se sonnet. É que inicialmente ele era cantado, vinha do verbo sonner. Admitem outros que ele veio da "petite chanson", dos trovadores provençais.

O mais célebre soneto do mundo é o Soneto de Arvers, cognominado o Rei dos sonetos e O Soneto do século, assim como seu autor, Felix Arvers é chamado de "L'homme du Sonet", e também "L'homme d'un sonet", porque foi o único que ele realmente tem de bom, em sua obra.

Só no Brasil o Soneto de Arverstem cerca de 40 traduções, inclusive uma de Guilherme de Almeida e outra do poeta cearense Filgueiras Lima. Ambas muito boas.

No entanto, o Soneto de Arvers não é tecnicamente perfeito. Aparentam-se nele vários defeitos. Mas é um soneto de amor, endereçado a não se sabe quem. Trata-se de um mistério, aliás confessado no 1º verso “*mom âme a son secret, ma vie a son mystère . . .*” Verso que está inscrito no título do autor.

O primeiro soneto português é de Sá de Miranda. O primeiro soneto brasileiro, segundo Gustavo Barroso, é de Gregório de Matos. É um poema medíocre, feito nos moldes clássicos.

Os melhores sonetos da língua no Brasil e em Portugal, são, em geral, decassilábicos.

Mas bem que os há com 1, 2, 3, 4, 7, 8, 12 e 14 sílabas.

Há um curioso soneto monóstico, isto é, de uma só sílaba, que segundo Cruz Filho, é de um poeta mineiro, mas que na verdade é de um cearense – José Carlos da Costa Ribeiro.

Deus  
Vê  
Que  
Meus

Ais  
Não  
São  
Mais

De  
Dó  
Por

Ti  
Oh  
Flor

Assim como há um em francês:

Fort  
Belle  
Elle  
Dort

Sort  
Frêle!  
Quelle  
Mort!

Rose  
Closse  
Là

Brise  
La  
Prise

Há também um soneto poliglótico, em 14 línguas diferentes, inclusive em tupi-guarani. Como há um poema parcialmente poliglótico, com a frase em amo, em várias línguas.

Outro soneto muito conhecido é o das vogais (Les voyelles) de Rimbaud, no qual há o fenômeno do fotismo ou da audição colorida, isto é, cada vogal sugere uma determinada cor.

Os sonetos brasileiros famosos estão nas antologias e na memória de todos. Ouvir estrelas, Esta que passa por aí, Senhoras, de Hermeto Lima, Duas Almas de Wamosi, Saudade, de Da Costa e Silva, Os Cisnes, de Júlio Salusse, com aquela rima de cisne com tisne, aliás já utilizada por Fagundes Varela e Olavo Bilac.

De Raimundo Correa, as Pombas e o Mal Secreto, mas eu prefiro o Anoitecer, por seu poder descritivo. Quanto aos Sonetos do Exílio, de D. Pedro II, persistem as dúvidas sobre a autoria. Mas é certo que o Imperador se dedicava à Poesia, tanto assim que verteu para o francês poemas hebráicos e provençais.

Uma das mais belas páginas de ternura da língua portuguesa é a de Machado de Assis, no soneto — A Carolina (A sem crase).

Contraste, do Pe. Antônio Tomaz, talvez seja o mais conhecido e decorado, dos seus sonetos. Mas há um outro contraste, num soneto pouco conhecido, de Alfredo de Assis, intitulado:

#### PRANTO E RISO

No pranto da criança eu não diviso  
Mágua nenhuma — é todo luz e encanto;  
Tem, nuns restos do céu e paraíso  
Toda a alegria matinal de um canto.

Mas de um velho, num rápido sorriso  
Mágoas profundas eu percebo, entanto,  
No pranto da criança há quase riso,  
No sorriso do velho há quase pranto.

Um velho rí, é um pôr de sol que chora,  
Chora a criança é como se uma aurora  
Num chuva de pérolas se abrisse

E tem muito mais luz, mais esperança  
A lágrima nos olhos da criança  
Que o sorriso nos lábios da velhice!

Há um muito conhecido, de um poeta desconhecido — A Cigana, de  
Armando Vieira da Silva. Há um outro desconhecido, de um poeta paraense  
de Campos Ribeiro (e que eu quero dizer).

### OS GAROTOS DO MEU BAIRRO

Na minha rua, de arrabalde obscuro  
Vive, flinando, um bando de garotos  
— Cavalheiros fidalgos do monturo,  
De pés descalços e de fatos rotos.

Filósofos sem nome, esses marotos  
Levam sem pena o seu destino duro  
E boiando na lama dos esgotos,  
O coração ainda conservam puro.

Dormem pelas soleiras, sem ter frio  
E entre o assalto de um bonde e um assovio,  
A vida se lhes vai, tristonha ou leda.

Buscam a felicidade atrás das casas  
E vão buscá-la pelo céu, nas asas  
De um papagaio de papel de seda.

Há um soneto engraçado, do catarinense Laurindo Rabelo, o:

## ANO VELHO E ANO NOVO

Deus pede estrita conta do meu tempo  
E é preciso do tempo já dar conta;  
Mas como dar, sem tempo, tanta conta  
Eu que perdi sem conta, tanto tempo!

Para ter minha conta feita a tempo  
Dado me foi bom tempo e não fiz conta;  
Não quis, sobrando tempo, fazer conta,  
Quero hoje fazer conta e falta tempo.

Oh! vós que tendes tempo sem ter conta,  
Não gasteis vosso tempo em passatempo,  
Cuidai enquanto é tempo em fazer conta.

Pois se aqueles que contam com seu tempo  
Fizessem desse tempo alguma conta,  
Não choravam, sem conta, o não ter tempo.

Não podemos esquecer o "Formosa qual pincel em tela fina", de Maciel Monteiro, o pernambucano Antônio Peregrino Maciel Monteiro. Aquele conquistador de alta periculosidade, que, segundo dizem as crônicas, tinha calos nos dedos, de tanto suspender saias de seda... E que, como Felix Arvers, fez um soneto que valeu pelo resto de sua obra.

Senhores:

Até aqui falamos de poetas... Nem uma só palavra sobre poetisas. Não falamos naquela poetisa inglesa que definiu a rosa com 3 palavras ditas 3 vezes — "A rose is a rose is a rose". Não falamos da uruguaia Juana de Abarbourou, para alguns a maior poetisa das Américas.

Nem em Cecília Meirelles, Auta de Sousa e Nísia Floresta Brasileira Augusta, a brasileirinha amiga de Victor Hugo e inspiradora de Augusto Comte.

Mas eu lhes trago um poema de outra brasileirinha chamada Margarida Fink, que aos 14 anos fez esta jóia de poesia.

Notem que a repetição da palavra porta, não causa eco nem cansa o ouvido, mas ao contrário, valoriza a sonoridade do poema.

Vejam o lirismo e o sensualismo casto com que ela se refere ao amor, confirmando assim, a sentença de Nietzsche quando disse que a sensualidade no homem pode atingir os mais altos vértices do seu espírito.

Eis o poema:

A porta estava fechada  
Quando o meu amor chegou,  
Ouvindo passos na escada  
A porta se escancarou.

Que queria o meu amor,  
Que fazia, às horas mortas,  
Batendo em todas as portas?  
— Vinha em busca do calor!

A porta estava fechada  
Quando o meu amor chegou;  
Bateu em todas as portas,  
Só uma se escancarou.

Depois eu fechei a porta,  
A candeia se apagou  
E dentro da noite morta  
A vida continuou . . .

Quando veio a madrugada  
E o sol mansamente entrou,  
Viu uma rosa esmagada:  
Foi um beijo que a esmagou!

Poesia é isto, meus amigos. Um poema simples, sem artifícios, sem malabarismos verbais. Porque poesia é como mulher bonita. Há mulheres bonitinhas, certinhas, benfeitinhas, parnasianamente perfeitas. Mas que não têm vida, não têm graça. Como há outras que estão no rigor da moda, ricamente ajaezadas, mas que não têm gosto!

Em poesia o que vale é o conteúdo poético. E é por isso que Alberto de Oliveira, olímpico no porte e impecável em tudo o que escrevia, foi comparado a um soneto dele, andando . . . Senhores — Só agora, ao me ocupar deste trabalho, é que me dei conta de que, vivendo no mundo da psiquiatria, tão diferente do mundo da literatura, eu tenha conhecido tantos intelectuais, poetas e acadêmicos, alguns dos quais meus amigos. E é sobre eles que eu vos trago o meu depoimento pessoal. A começar pelo meu mestre, Professor Austregésilo, com quem convivi diariamente, por mais de 20 anos. Ele costumava contar histórias da Academia. Como, por exemplo, a visita inesperada

de Getúlio Vargas à Casa de Machado de Assis. Austregésilo, que presidia a sessão, recebeu-o, tratando-o segundo a praxe acadêmica, de Senhor Getúlio Vargas.

Era o lançamento da candidatura de Vargas.

Acontece, porém, que no momento não havia vagas. Mas Olegário Mariano vira-se para Getúlio e lhe diz: Presidente, vaga não é problema — eu me suicido!

Outra visita presidencial à Academia foi a do Marechal Castelo Branco. Castelo era admirador de Manuel Bandeira. A sessão era solene. Mas o poeta detestava o fardão e preferiu ficar na ante-sala, sem a farpela acadêmica. Castelo, porém, ao retirar-se, reconheceu o poeta e foi cumprimentá-lo. Diz-lhe então Bandeira — Presidente, desculpe-me por não ter entrado no salão nobre. É que meus colegas estão encadernados e eu estou em brochura.

Fui muito amigo de um inimigo da Academia — o poeta Murilo Mendes, corifeu da poesia moderna no Brasil. A poesia de Murilo não tinha rima nem metro nem ritmo.

Um dia convidei Murilo e sua então noiva Maria da Saudade Cortezão para almoçarem comigo, no Sanatório Botafogo. Levei-os para a mesa do Prof. Austregésilo. E eu me lembro do seu ar de espanto quando Murilo discorreu sobre poesia abstrata, poesia hermética, poesia onírica, ditado subconsciente e outras novidades da poesia moderna.

Não vejam nestas minhas palavras qualquer restrição à poesia e aos poetas modernos. A esse respeito, quero definir a minha posição, adotando a sentença do poeta peruano Santos Chocano: “Na arte cabem todas as escolas, assim como numa gota d’água cabem todos os raios do sol”.

Eu e meu irmão Mozart fomos amigos de um poeta moderno, que apesar de ter escrito dois livros é absolutamente desconhecido e inédito. Chama-se Luiz de Gonzaga Ladeira. Eis aqui um de seus poemas — o poema Cinza:

A família solar das sete cores  
Não sei por que razão não me seduz;  
Nunca tive fatídicos amores  
Pelas filhas legítimas da luz.

Gosto do cinza, dessa cor cruzada,  
Filha da escuridão com a claridade,  
Cor da bruma, entre a treva e a alvorada,  
Cor do tédio, entre o pranto e a saudade.

Ai do homem que nos êxtases se cansa  
Um daltonismo alucinante pune-o,  
Fazendo-o ver nos verdes da esperança  
Todas as cores rubras do infortúnio.

Tenho paixão de tudo o que é nevoento  
E às vezes penso em minha angústia imensa  
Que a cor cinzenta é a cor do pensamento,  
Porque é a cor do cérebro que pensa!

Gosto do cinza porque o cinza encerra  
Minha finalidade indefinida:  
É a cor do que eu já sou dentro da vida  
E a cor do que hei de ser, dentro da terra.

E já que estamos falando em cores:

Fui amigo de Cândido Portinari, que andou escrevendo umas poesias, mas cuja pena não tinha a força do seu pincel. Ao contrário de Pancetti, que não fez versos, mas que era um poeta, quando pintava suas marinhas.

José Pancetti foi marinheiro. E em seus assentamentos na Marinha, consta uma punição por ter pintado mal o casco de um navio, com alcatrão.

Um dia Augusto Frederico Schmidt soube que Pancetti se morria, na fase terminal de um câncer. Schmidt bateu-se para o Hospital da Marinha e comprou toda a produção de Pancetti. Quando o poeta se retirou, disse Pancetti — esta compra é um atestado de óbito. Era mesmo e foi também um grande negócio.

Ainda bem que, segundo os biógrafos, Shakspeare, além de poeta, foi agiota.

Um dia houve uma festa de caridade no Colégio Sion. Várias mesas, com vários poetas, autografando seus livros. Entre eles, Manuel Bandeira e Drumond de Andrade, dois esquisotímicos. Nisso chega um ciclotímico, Augusto Frederico Schmidt. E eu, um mero psiquiatra, no meio deles.

Schmidt, expansivo e exuberante, contou a Bandeira o que acabara de ocorrer, em sua barraca — chegara ali um senhor, com uma adolescente, a quem diz, mostrando-lhe Schmidt: eis aqui, minha filha, o maior poeta do Brasil. E a garota — já sei, papai, é Manuel Bandeira!

No dia seguinte o fato estava na coluna social.

Eu não morro de amores pela poesia de Augusto Frederico Schmidt. Mas gosto muito daquela dedicatória que ele fez e para sua mulher, ao lhe oferecer um livro de poesias:

“À Yeda, para que a poesia retorne à sua origem”.

Fui amigo de Álvaro Moreira, o Alvinho da coleção de burros, seus animais preferidos. Com uma ressalva — ele gostava dos burros substantivos, dos adjetivos, não!

Contou-me ele que certo dia foi levado por um poeta português para uma visita a Lisboa. Terminado o passeio, cada um dos dois queria pagar a despesa. Ante o impasse, concordaram em decidir numa quadra. A saída coube a Álvaro Moreira.

Portugal dos meus avós,  
Portugal de João de Barros,  
Vamos ver qual o de nós  
Há de pagar esses carros.

E o outro:

Portugal é surdo-mudo,  
Portugal não respondeu;  
Portugal vai pagar tudo;  
Quem paga o carro sou eu!

Fui amigo de D. Rosalina Coelho Lisboa, a poetisa do Rito Pagão, que tinha o prestígio da própria beleza e dos dotes intelectuais.

Conheci de perto Menotti del Pichia e o talento verbal que foi Gilberto Amado.

Conheci ainda o poeta Jorge de Lima, que me contou um fato interessante: — no dia em que ele chegou ao Rio, foi ao Teatro Lírico, assistir a um recital de poesias, em cujo programa estava o seu soneto O Acendedor de Lampiões.

E agora, senhores, Manuel Carneiro de Sousa Bandeira (filho).

Um dia ele me telefonou: Deusdedit, vou aparecer hoje, num programa de televisão.

— Sim, poeta, vou ouvi-lo e vê-lo.

E havia uma jovem a recitar os seus poemas, um dos quais muito triste. Em seguida, ele comentou — Quando eu fiz esse poema estava muito deprimido e angustiado.

É que a angústia, como resultante da evolução ontológica do homem, está na gênese da criação artística e até do pensamento filosófico.

Bandeira tinha um excelente ouvido para música e para poesia. Tinha também a paixão dionisíaca da palavra.

Há alguns anos o jornal O Globo fez uma consulta ao mundo dos intelectuais: Quais as 10 palavras mais bonitas da língua? E entre as 10, de Manuel Bandeira, estava a palavra **pálida**. Com um parêntese, porém, **não pá-lido**. Concordo com ele.

E para meu gosto, um dos versos mais bonitos de Castro Alves é aquele “Vem formosa mulher, Camélia pálida, que banharam de pranto as alvoradas!”

Bandeira gostava de fazer versos onomásticos, para os amigos. Um dia ele jantou em minha casa — ele, D. Lourdes, minha mulher, eu e minha filha, Thaís, ainda criança.

Quando eu cheguei em casa ele já estava e foi logo me comunicando: Deusdedit, pesguei dois beijos em Thaís. Você sabe, Deusdedit, eu sempre fui beijoqueiro, mas passei 40 anos tuberculoso, sem poder beijar ninguém. Agora estou descontando.

No dia seguinte ao daquele jantar, recebo pelo correio, a quadrinha onomástica:

Quem ao Brasil Thaís,  
O broto mais lindo que eu  
Conheço neste país?  
Deusdedit, isto é, Deus deu.

Quando minha filha, fez 15 anos, ele me disse — não sei se poderei ir à festa de Thaís. Se eu não puder, vou fazer um apelo às musas. O apelo foi atendido e o poema saiu assim:

Que idade risonha e bela  
A dos 20 anos, não é?  
Assim Herculano diz.  
Mais linda porém é aquela  
Em que agora está você,  
A dos 15 anos, Thaís!

A do entre-aberto botão  
E da entre-fechada rosa  
Sicut Machado de Assis;  
Rosa em sua floração  
Primeira e que faz ditosa,  
A alma de seus pais, Thaís!

Dizia ele que um dos seus poemas preferido era o Tema e Voltas. Eu não entendia o que significava o termo voltas, mas ele me ensinou que se trata de uma expressão poética, significando o refrão, o estribilho ou voltas ao tema. Disse-me ele, porém, que essa poesia não era sua, mas do populário pernambucano. Ele apenas levou-a para o plano erudito. E ela ficou assim:

Mas, para que tanto sofrimento,  
Se lá fora há o lento  
Deslizar da noite?

Mas, para que tanto sofrimento  
Se lá fora o vento  
É o canto da noite?

Mas, para que tanto sofrimento,  
Se agora, ao relento  
Cheira a flor da noite?

Mas, para que tanto sofrimento,  
Se o meu pensamento  
É livre, da noite?

E com essas estrofes de Manuel Bandeira vou terminar, tal como terminam as estórias do folclore; assim me contaram, ou melhor, assim contaram ao poeta, assim me contou ele e assim vos contei eu.